



Jornalismo Comunitário e História Oral¹

Margareth de Oliveira MICHEL²
Jerusa de Oliveira MICHEL³
Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar as similaridades e as relações entre o jornalismo, em especial o jornalismo comunitário, e a história oral, ambos instrumentos importantes para a comunicação humana e a construção de conhecimento. Com base nas teorias de elaboração do jornalismo comunitário e da história oral, buscou-se neste artigo identificar os limites entre as duas áreas de atuação onde a fala, mais que um meio de comunicação, é uma forma de preservação da sabedoria, um testemunho de uma geração para outra.

Palavras Chave: Jornalismo Comunitário, História Oral, Comunicação

Introdução

Ao estudar o que é comunicação percebemos que ela é um processo inerente à natureza humana, algo que permite que as pessoas se relacionem e transformem o ambiente ao seu redor. O Homem, por ser um ser social, não sobrevive sem a comunicação. Desde o início dos tempos o homem tenta comunicar-se com os seus semelhantes, e a forma como o faz tem vindo a variar ao longo dos séculos. A linguagem, e todo o aparato comunicacional, evoluíram em paralelo com a evolução da espécie humana. Sabendo disto, para entender a comunicação humana e suas origens, devemos analisar a própria evolução humana a partir dos elementos da comunicação.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Professora do Curso de Comunicação – habilitações Jornalismo e Publicidade e Propaganda e Mestre em Linguística Aplicada/UCPEL, email: margareth.michel@gmail.com

³ Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas, especialista em Gestão de Eventos - Ênfase Organizacional e Institucional pela Faculdade de Tecnologia SENAC Pelotas. Graduada em Comunicação Social – Relações Públicas e Jornalismo pela Universidade Católica de Pelotas, e-mail: jerusa.michel@gmail.com



As primeiras referências à conceituação de comunicação mostram sua origem e significado, assim, diz-se que Comunicação, origina-se do latim "communicativo", de "communis": comum, informação, transmissão, participação, aviso; ato ou efeito de comunicar é o estabelecimento de uma corrente de pensamento ou mensagem, dirigida de um indivíduo a outro, transmitir e receber mensagens por meio de métodos e/ou processos convencionados, bem como as mensagens recebida por esses meios com a finalidade de informar, persuadir, divertir, enfim, comunicar.

A comunicação ocorre primeiramente por meio da oralidade do homem, que através de seus relatos vai consolidando e preservando sua história e a de seu o grupo, construindo desta forma uma história oral, a qual por sua vez constitui-se fonte dos meios de comunicação, tornando-se elemento fundamental para o jornalismo comunitário.

História Oral

A história oral é um modo privilegiado para ensinar a História, para pesquisá-la e produzi-la. Para a maioria dos autores, ela é tão antiga quanto a própria História, já que desde Heródoto (século V a. C.) ela é praticada. No entanto, só recentemente passou a ser um campo científico. Joëlle Rouchou (2000) nos diz que “uma necessidade de relatar, de contar e registrar suas angústias logo após a Segunda Guerra Mundial, deu luz a uma nova ciência no campo da História: a História Oral”. Surgida em 1948, a História Oral se consolidou a partir da década de 60. Sobre a História Oral, a autora coloca que:

Embora diga respeito – assim como a sociologia e a antropologia – a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma. (...) A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória.

Chama-se de história oral porque está baseada nas manifestações de fala das pessoas, na sua oralidade: para poder construí-la, o ponto de partida



são as memórias elaboradas pelas pessoas, a partir do tempo presente resgatando suas inserções nos acontecimentos e ambientes ao longo de suas vidas.

"História oral" é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade[...] Dentro do quadro amplo da história oral, a "história de vida" constitui uma espécie ao lado de outras formas de informação também captadas oralmente. (QUEIROZ, 1991, p. 5-6)

Meio privilegiado de pesquisa científica, a história oral permite a captação, registro e análise das significações, ou representações, que o homem ou grupo social, no presente, atribui às ações e relações humanas praticadas no passado recente, das quais participou. Thompson falando a respeito afirma que:

"A história oral é **uma história construída em torno de pessoas**. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo.[...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história." (THOMPSON,1992:44)

Lozano (apud FERREIRA & AMADO,1998, p.16) chama atenção para o fato de que a história oral é um espaço de contato entre várias áreas das ciências sociais, fortemente influenciada pela interdisciplinaridade "[...] com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais." O autor destaca ainda que "(...) a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na *visão* e *versão* que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais." (LOZANO, apud FERREIRA & AMADO,1998, p.16). A partir desta perspectiva torna-se claro que a história



oral conta com metodologia e técnica de estudo e pesquisa em que os arquivos orais, assim como a constituição de suas fontes tem um importante papel.

Concordando com este pensamento Ferreira e Amado (1998) entendem a história oral como metodologia de trabalho, com dimensões técnica e teórica. As autoras colocam que os teóricos que pontuam a história oral como técnica tem interesse nas experiências realizadas com gravações, transcrições e conservação de entrevistas, nos tipos de aparelhagem utilizada, e em como o acervo é organizado. Isto porque estes pesquisadores geralmente são cientistas sociais, diretamente envolvidos na constituição e conservação de acervos orais (e que utilizam as entrevistas de modo eventual, sempre como fontes de informação complementar), cujos trabalhos se baseiam também em outros tipos de fontes, em geral escritas.

Embora muitos dos os historiadores tradicionais alegarem que os depoimentos orais como fonte devem ser considerados subjetivos por se nutrirem da memória individual (a qual, segundo eles, pode ser falível e fantasiosa) Freitas afirma que em história oral o entrevistado deve ser considerado em si mesmo um agente histórico, cuja visão de sua própria experiência, assim como dos acontecimentos sociais de que participou, precisam ser resgatados. Para a autora, a subjetividade está presente em todas as fontes históricas: orais, escritas ou visuais.

O que é relevante em História Oral é "saber por que o entrevistado foi seletivo ou omissivo, pois, esta seletividade também tem o seu significado". Ademais, "a noção de que o documento escrito possui um valor hierárquico superior a outros tipos de fontes, vem sendo sistematicamente contestada, em um século marcado por um avanço sem precedentes nas tecnologias de comunicação" (FREITAS, 2002, p. 29).

A História Oral ao ser capaz de retratar as realidades, as vivências e os modos de vida de uma comunidade em cada tempo e nas suas mais variadas sociabilidades, é considerada como fonte identitária de um povo, por permitir a inserção do indivíduo e resgatá-lo como sujeito no processo histórico produtor de histórias e feitos de seu tempo.

Esse pensamento encontra reforço em Gadamer (1998) quando ele afirma que a história, ao se deparar com uma gama diversificada de novos



objetos e suas abordagens, problemas e procedimentos metodológicos, passa a “necessitar de fontes escritas, orais e visuais, para penetrar na essência da verdade dos fatos.” Em decorrência disto, o investigador analisa, compara e avalia as fontes ao seu alcance; ele as utiliza buscando lapidar o objeto investigado, transpondo barreiras da realidade aparente, a fim de alcançar a essência do real.

O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)⁴, nos diz que

A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. (...) As entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro.

Joëlle Rouchou em seu artigo História Oral: entrevista–reportagem X entrevista-história nos diz que em uma reflexão sobre as possibilidades de aproximação entre o Jornalismo e a História Oral, um dos pontos comuns entre ambos pode ser a entrevista.

Se os historiadores descobrem as delícias da entrevista como fonte primordial para a pesquisa histórica, os jornalistas utilizam os depoimentos como matéria principal para as reportagens: não há matéria em jornal ou revista que não conte, como base, com depoimentos dos entrevistados.

Ela nos diz ainda que para o jornalista, a voz do entrevistado é vital. Esse fato pode ser percebido ainda com mais facilidade dentro do Jornalismo Comunitário, onde o jornal expressa, ou deveria expressar, a voz da comunidade. Para Rouchou

A História Oral dá voz a outros personagens da História, nem sempre os vencidos, mas aqueles que não teriam sequer o direito de

⁴ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) é a Escola de Ciências Sociais e História da Fundação Getúlio Vargas. Criado em 1973, tem o objetivo de abrigar conjuntos documentais relevantes para a história recente do país. Ainda com o intuito de registrar a história contemporânea brasileira foi iniciado, em 1975, o Programa de História Oral que, desde então, vem recolhendo depoimentos de personalidades que atuaram no cenário nacional. Contando atualmente com mais de 5.000 horas de gravação, correspondentes a quase 1.000 entrevistas, boa parte aberta à consulta, o acervo de história oral do CPDOC pode ser melhor conhecido em consulta à base História Oral. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>



figurarem em algum manual de História – como, por exemplo, os torturados no período da ditadura no Brasil nos anos 70, as comunidades gays, os presidiários ou, ainda os judeus do Egito que imigraram para o Brasil.

Para a autora, a História Oral oferece diferentes possibilidades, como por exemplo a História Oral de Vida, onde a narrativa pode ser considerada o ponto mais importante e o testemunho é a fonte de riqueza e análise; a História Oral Temática, onde elege-se um fato/acontecimento e as entrevistas com os participantes ou testemunhas não limitam seu discurso àquele fato; já na Tradição Oral, a autora nos diz que esta se reporta a toda oralidade transmitida oralmente. Sobre as entrevistas Rouchou nos diz que apesar da necessidade de um olhar crítico sobre os depoimentos, é inegável o envolvimento com esse indivíduos. Depois das entrevistas, os depoentes deixam de ser apenas frios documentos a serem analisados. “Entrevistar testemunhas dos fatos, privar de sua intimidade, freqüentar sua casa, passear por seus álbuns de fotografias, tomar talvez um cafezinho, ou ainda emprestar um lenço para secar algumas lágrimas é absolutamente fascinante”.

O investigador, ao analisar as fontes orais, percebe as construções e desconstruções do objeto pesquisado. Nesse movimento analítico, procura novos rumos e enfoques, com registros múltiplos da memória, que lhe servirão de comprovação das fontes escritas pelas fontes orais e vice-versa, de forma a obter a veracidade das informações, conforme Thompson (1992).

A utilização da história oral como fonte de pesquisa, como recurso, enriquece o trabalho de pesquisa e valoriza os 'atores sociais' como indivíduos, sujeitos-agentes de sua própria história. Desta forma, a história oral pode ser um meio de transformar o conteúdo e a finalidade da história, alterando o enfoque da própria história e revelando novos campos de investigação, “devolvendo às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.”

Jornalismo Comunitário



Mesmo com o passar do tempo, a palavra comunicação ainda pode ser definida como: diálogo, entendimento, transmissão, informação, conhecimento... Em sua obra *Comunicação Social – Teoria e Pesquisa*, Marques de Melo nos apresenta um estudo detalhado sobre o termo e nos diz que a comunicação

(...) pressupõe o intercâmbio de experiências entre pessoas de gerações diferentes, ou de uma mesma geração, assegurando a renovação constante das experiências individuais, que se transforma em patrimônio coletivo. Vivemos numa época em que a mídia assume um papel de educadora coletiva, podendo facilitar a difusão de conhecimentos capazes de orientar o comportamento dos cidadãos em todas as dimensões. Pedagogicamente podemos dizer que Comunicação é o processo de transmissão de experiências e ensinamentos. (MARQUES DE MELO(1973) apud RABAÇA; BARBOSA, 2001, p. 158)

De acordo Carnicel (2010, p. 35-36), o sistema de educação exposto por Marques de Melo pode ser identificado “tanto num trabalho jornalístico como numa atividade de produção de conhecimento no campo da história oral, pois ambas as técnicas da comunicação humana pressupõem intercâmbio e renovação de experiências individuais e/ou coletivas”. Entretanto, para este autor, torna-se complexo definir em que momento acontece a passagem de uma esfera a outra, pois, as informações como um “produto” podem ter sido registradas através de diferentes maneiras de captação, seja através dos instrumentos utilizados, seja através do tempo destinado para a coleta dos depoimentos.

Para uma melhor compreensão desse modo de comunicação, convém antes conceituar e explicar o processo de criação do jornalismo como raiz e do processo de produção do jornalismo comunitário. Segundo Michael Kunczik (1997) foram os bardos viajantes, os predecessores dos jornalistas da atualidade uma vez que estes discorriam sobre os acontecimentos cotidianos em mercados e também nas cortes aristocráticas.

A Associação Nacional de Jornais⁵ nos diz que o primeiro jornal conhecido é o *Acta Diurna*, que surgiu em Roma por volta de 59 a.C. e teria

⁵ <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/historianomundo/historiadojornal.pdf>



sido uma iniciativa de Julio César. Foi a invenção da prensa e dos tipos móveis por Gutenberg em 1447, que inaugurou uma nova era, a era do jornal moderno e possibilitou a disseminação do conhecimento e o intercâmbio de idéias na Europa Ocidental. Os jornais começaram a surgir como publicações periódicas freqüentes na primeira metade do século XVII e as notícias veiculadas eram em sua maioria sobre a Europa e incluíam, ocasionalmente, informações sobre a América e a Ásia.

O jornalismo sofreria outra grande transformação em 1844 com a invenção do telégrafo. Este permitiu que as informações fossem transmitidas em questões de minutos, possibilitando a inclusão de relatos mais atuais e relevantes no cotidiano dos jornais. Foi neste período que os jornais se tornaram o principal veículo de divulgação e recepção de informações.

O jornalismo como conhecemos hoje, é fruto de uma troca de comunicações, que se basearia na chamada “imparcialidade jornalística” e existiria para guiar a sociedade num caminho de justiça e igualdade. Luiz Beltrão e Newton de Oliveira Quirino (1986) nos dizem que a sociedade e a comunicação estão intimamente ligadas e que se pode determinar o nível de civilização de uma sociedade ou agrupamento social pelas formas, instrumentos e eficácia de seu sistema comunicacional.

A sociedade se confunde em sua estrutura com a cultura, na medida em que representa um fenômeno gerado simbolicamente pela comunicação. A comunicação é o mecanismo de coordenação da interação social, torna possível o consenso entre as pessoas. Em função disso, não pode ser reduzida à pura e simples transmissão de experiências, consiste no processo pelo qual os sujeitos têm uma experiência comum da realidade, constroem seu mundo como coletividade (RÜDIGER, 1998, p. 37).

Comunicar é então, muito mais do que simplesmente transmitir informações. O mundo como conhecemos hoje gira em torno dos acontecimentos e daquilo que é noticiado pelos veículos de comunicação. Dentro deste conceito surge o jornalismo comunitário que tem como objetivo se desvincular da lógica dos veículos de comunicação de massa e assumir o papel que todo o jornal deveria desempenhar que é o papel social.

O Jornalismo comunitário se dirige a um grupo social unido em torno de interesses comuns e deve ser basear, assim como qualquer tipo de



jornalismo, na verdade dos fatos, na pesquisa de dados, na explicação de fenômenos e na interpretação da realidade. É isso que dará a proximidade do jornal com a comunidade a que se destina ou a partir do qual é feito e que criará uma identidade para o mesmo, ao contrário do que acontece com os grandes veículos de comunicação que estão distantes da comunidade ou nem sequer a conhecem.

Ao criar um veículo de comunicação comunitária é preciso que haja interação com a comunidade na qual está inserido. O jornalista que desempenha esse tipo de atividade geralmente conhece as pessoas pelo nome, aceita e respeita o modo de vida dessas pessoas e a maneira como se expressam ainda que de forma coloquial ou errada.

O jornal comunitário enquanto comunicação horizontal passa a ser a voz da comunidade, mediando o discurso destes sujeitos e dos demais discursos sociais, pois articula as muitas vozes que se tornam públicas no espaço midiático, organizando-as na referência dos fatos no processo de construção textual e imagético, que se tornará material simbólico ao ser captado pela memória social.

O jornal comunitário deve e busca ser o espelho da comunidade a que se destina, para assim construir uma estreita relação entre os sujeitos interagentes. Campos (2006) defende que o jornalismo comunitário é uma prática voltada “(...) para os interesses de um grupo de pessoas que vivem em comunidade porque têm algo em comum: o mesmo bairro, o mesmo trabalho, a mesma religião, a mesma escola, o mesmo sindicato etc”.

Segundo Campos (2006), o jornalista observa a comunidade profundamente, ele participa dela e consegue então retratá-la e mostrar a vida desta comunidade como alguém que vive nela. Na comunidade, o jornalista é permanentemente convidado a integrar órgãos colegiados, associações, grupos de debate, jurado de eventos culturais etc. Isto ocorre porque a comunidade reconhece nele a capacidade de liderar e de influenciar.

Para Carnicel:

A prática dessa modalidade jornalística, ao estabelecer um fórum de diálogo, de exposição de idéias, de divergências e de reivindicações entre membros de uma comunidade, ultrapassa a função informativa



e se configura como um instrumento que possibilita, entre outras atribuições, evocar a cidadania por meio de debates e de participação em busca de soluções de seus problemas. (CARNICEL, 2010, pág. 36)

Dotado de princípios éticos, o comunicador comunitário deve aproveitar esse contato direto para estar sempre aprendendo com a comunidade de modo a poder servi-la cada vez melhor, sem jamais impor os seus processos, mas sempre discutindo, democraticamente, o melhor caminho em cada situação.

Refletindo a respeito

Feitas as considerações sobre a Comunicação, o Jornalismo e o Jornalismo Comunitário, nos voltaremos agora para suas interrelações. O jornalista, ao realizar entrevistas com o método da história oral, poderá descortinar novos campos de investigação, além de ter acesso a materiais que não são públicos (THOMPSON, p. 1992), isto, em um país que não tem uma política pública eficaz de acervo como o Brasil, pode representar um importante aspecto na diversidade das informações. Mas é também no conteúdo que é possível verificar uma alteração de enfoque surpreendente. O historiador Paul Thompson, ao discutir a importância da história oral levanta uma questão que é passível de se correlacionar com a produção jornalística: “A colaboração da História Oral na produção jornalística pode se dar não só no aspecto da recuperação do passado, mas também na forma da abordagem. É possível então levantar em quais tipos de entrevistas a utilização desta metodologia é recomendável.”

Ao produzir um jornal comunitário, cuja realidade é bem diferente da dos meios de comunicação de massa, e portanto do jornalismo tradicional, o processo de fechamento é considerado lento e muitas vezes os participantes da comunidade tem acesso aos textos (entrevistas, relatos, etc) antes da publicação, que busca estar em consonância com a forma de vida e a cultura do grupo social, onde geralmente existe e é valorizada a tradição oral. Para eles, a fala, mais que um meio de comunicação, é uma forma de preservação da sabedoria, um testemunho de uma geração para outra.



Referências Bibliográficas

BAINI, Luize; SAAB, Thábata. O Pescador – Da Experiência Acadêmica a Experiência de Vida. Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria “Documentário em vídeo”, modalidade avulso. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Prêmio Expocom 2011 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação 1

BELTRÃO, L. & QUIRINO, N.O. Subsídios para uma teoria da comunicação de massa. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

BENJAMIN, Walter. O narrador, in: Textos Escolhidos; Coleção Os Pensadores; São Paulo: Victor Civita; 1983.

BERGSON, Henri. Matéria e Memória – Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Editora Martins e Fontes, 1990.

BONIN, Jiani Adriana . Mídia e memórias: explorações sobre a configuração dos palimpsestos midiáticos de memória étnica italiana. Comunicação, Mídia e Consumo (São Paulo), v. 6, p. 83-102, 2009

BOSI, Ecléa. Memória & sociedade: lembrança de velhos. São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979.

BURKE, Peter. “História como memória social”. In: Variedades de história cultural .Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000

CARNICEL, Amarildo. Jornal comunitário e história oral: correlações em trabalho realizado na periferia de Campinas. REBEJ – Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo. Ponta Grossa, v.1, n. 6, p. 33-57, dez. 2009/mai. 2010.

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 2003.

ENNE, Ana Lúcia, TAVARES, Cristiane. Memória, identidade e discurso midiático: uma revisão bibliográfica. Disponível em: <http://www.castelobranco.br/pesquisa/docs/memoria2.doc>. Acesso em 24.07.2011

FERNANDES, Terezinha Fátima Tagé Dias. Jornalismo e Memória do Cotidiano: Leitura de Articulistas como Registro da Vida Social Imediata. Revista Comunicações e Artes - ECA-USP, São Paulo - SP, v. 31, p. 82-87, 1997. Disponível em http://www.entretextos.jor.br/page_txt.asp?smn=2&txt=39&sbmn=5, acesso em 14.07.2011.

FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaina. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FREITAS, Sônia Maria de. História oral: possibilidades e procedimentos. São Paulo: USP, 2002. GADAMER, Hans-Georg. O problema da consciência histórica. Rio de Janeiro: FGV, 1998.



GREG, Miller et al. Neurobiology: A surprising Connection Between Memory and Imagination. Science, 2007, disponível em http://www.memorylab.org/Files/Science_past-future_2007.pdf, acesso em 05.07.2011

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. Centauro Editora. São Paulo 2004.

HENN, Ronaldo. Direito à memória na semiosfera midiaticizada. Revista Fronteiras – Estudos midiáticos, n. 3, v.8, São Leopoldo, 2006, p.177-184.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. Estud. av. vol.3 no.6 São Paulo May/Aug. 1989, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n6/v3n6a06.pdf>, acesso em 05.07.2011.

KUNGZIK, Michael. Conceitos de Jornalismo. São Paulo: Edusp, 1997.

MARQUES DE MELO, José. Comunicação social – Teoria e pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1973.

MATOS, Júlia Silveira. Memória (lembança), esquecimento e representação em uma cinebiografia do século XX: “nós que aqui estamos por vós esperamos”. Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL), v. 2 nº 1 p.67-76 jan./abr. 2011 ISSN 2177-6644

MICHEL, Jerusa de Oliveira, OLIVEIRA, Leonardo Priebe de. Pesquisa de Opinião Jornal O Pescador. Trabalho submetido ao XIII Expocom Nacional 2007, na categoria Relações Públicas, modalidade Pesquisa de Opinião, como representante da Região Sul no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

OLIVEIRA, Leonardo Priebe de. O Jornal Comunitário como forma de expressão da Comunidade. Estudo de caso: "Jornal O Pescador". Monografia – Habilitação Jornalismo. Escola de Comunicação Social da Universidade atólica de Pelotas, 2006.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva. São Paulo: T. A Queiroz Editor, 1991.

RIBEIRO, Fernanda; REINHARDT, Aline; FRIIO, Andrey; ORTIZ, Daniel; MADEIRA, Diogo; MENEZES, Eduardo; CALDAS, Fabiana; FAGUNDES, Giane; MICHEL, Jerusa; PERES, Karina; MUNHOZ, Larissa; CARDOSO, Reizel; e SANGUINÉ, Jairo. Jornalismo Comunitário na Colônia Z-3, em Pelotas-RS. Trabalho submetido ao XIII Expocom Nacional 2007, na categoria Jornalismo, modalidade Jornal Impresso, como representante da Região Sul no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007 da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

RICOEUR, Paul. A Memória, a história, o esquecimento. Campinas, Unicamp, 2007.

ROZÁRIO, Claudia Cerqueira do. O Lugar Mítico da memória. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 01, número 01, 2002, disponível em <http://www.unirio.br/morpheusonline/Numero01-2000/claudiarosario.htm>, acesso em 05.07.2011.

RÜDIGER, Francisco. Tendências do jornalismo. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 1998.